

FILOSOFIA, PSICOLOGIA E O ESFORÇO INTERMINÁVEL

Jonas Luis Scherer
jonaslsl@gmail.com

João Pedro Leal Zanferrari
jpzanferrari@gmail.com

Max de Filippis
profmaxfilo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: psicologia, filosofia, sísifo

RESUMO: Sísifo é um personagem de um mito Grego, condenado a rolar uma pedra montanha acima eternamente como castigo por ter fugido da morte. O destino de Sísifo é o esforço interminável. “Vi Sísifo, anelante e afadigado, [...] Para um monte empurrando, e lá do cume; [...] rolar de novo; [...] Suor escorre e a testa se empoeira.” (MENDES, 2009, v 470). A nuvem de poeira é sua confusão. Existe aqui um tema complexo em um primeiro momento: “Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio”(CAMUS, 1942, p. 7). Na vida somos os Agrimensores do Castelo de Kafka, pois o que buscamos incessantemente é concluir nosso árduo trabalho em meio a tantos afetos, burocracias e falhas de comunicação. Essa é nossa montanha. Como não nos tornarmos assim o doente Ivan Ilitch de Tolstói? Vale a pena a vida ser vivida? Se não, por que não nos suicidamos? Somos todos Sísifo na vida, no trabalho, na filosofia e na psicologia. “O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo” (CAMUS, 1942, p. 86).Então por que continuar carregando nossos fardos montanha acima e no ápice ver tudo isso nos desapontar montanha abaixo? Não seria mais conveniente o suicídio? “Quem não consegue encontrar sua autoestima no fato de cumprir fielmente algo não espetacular, quem se extenua com o habitual, para este o mito de Sísifo é ainda mais torturante do que já é.” (KAST, 2017, p. 24). O caso da filosofia é ainda mais simples: Por quê não abandonar seu ideal de busca pela origem? Para acabar com a filosofia não é necessário nem se suicidar ou morrer. Ao nos depararmos com o absurdo, bastaria virar-lhe as costas. Quando paramos de questionar, morre a filosofia, a rocha desaparece. O mesmo vale para a psicologia, pois ao restringirmos nossa busca pelas origens do afeto e dos conflitos internos do indivíduo, desaparecemos todos também. “Seu rochedo é sua questão”(CAMUS, 1942, p. 87). Importante então é o fardo que Sísifo carrega, seu propósito ao qual foi designado. Descartes pensaria na possibilidade de um (então o tal) Deus Enganador, artiloso como o é, que nos castiga e engana incessantemente com esses questionamentos a respeito de nossa própria existência. Seria então para Sísifo a oportunidade de pagar por seus atos? Não faz sentido, pois para isso bastaria rolar a pedra montanha acima uma vez. O problema de Sísifo é que o desgraçado foi condenado a fazer isso por toda a eternidade, ou seja, nem morrer de velhice seria possível. Talvez então o que cabe é o jargão popular: “O que importa é a jornada e não o destino”. O problema é que nesse caso na terceira vez já estaríamos sem paciência, assim como na quarta-feira já estamos de “saco cheio” de ir para o nosso emprego. Nietzsche (1981, p. 87) nos diz que se chegássemos à tão

desejada verdade, bastando "rolar a pedra montanha acima" uma ou poucas vezes, perderia-se o valor da busca, pois "A atração exercida pelo conhecimento seria bastante fraca, se para atingi-lo não fosse preciso vencer tantos pudores"(NIETZSCHE, 1981, p. 65). Temos aqui a problematização do "ser", como diria Anatol, personagem de Enrique Vila-Matas: "– Bem que gostaria. Mas nunca me atrevi a ser, porque é um trabalho muito duro. Se você cai, merece a mais convencional das orações fúnebres. E não deve esperar nada além disso, porque o circo é assim, convencional. E seu público é descortês. Durante os movimentos mais perigosos, fecha os olhos. O público fecha os olhos quando você está roçando a morte para deslumbrá-lo! É um trabalho duro que nunca me atrevi a praticar." (VILA-MATAS, 1991, p. 71). Devemos então pensar no esforço descomunal, pela milionésima vez rolando seu fardo montanha acima e ao chegar no cume da montanha ver a pedra rolar para baixo. "[...] essa hora é aquela da consciência."(CAMUS, 1942, p. 86). No alto da montanha é onde nos questionamos, saímos da tarefa de repetir esforços, paramos para pensar no verdadeiro sentido das coisas, questionamos nosso fardo, nossa rocha, nosso esforço, o caminho que percorremos para chegarmos até um determinado ponto e todas as convicções que nos dão forças para ir adiante ou retroceder. Nesse momento é que surgem novas perspectivas, todas irrelevantes e magníficas ao mesmo tempo. É no cume que o mundo de Sísifo se expande. O cume é a Filosofia e a Psicologia em sua plena magnitude. Imaginemos Sísifo no alto da montanha, em seu lampejo de consciência plena, nem feliz nem triste, diante de inúmeras perspectivas, escolhendo aquela que mais o deixe feliz. Descendo a montanha, em seu sopé, Sísifo pega seu fardo e continua, simples assim, livre e preso ao mesmo tempo. "O homem absurdo diz sim e seu esforço não acaba mais."(CAMUS, 1942, p. 87). Para uns, isso pode ser desesperador, para outros a verdadeira libertação."Acabamos por amar nosso próprio desejo, em lugar do objeto desejado" (NIETZSCHE, 1981, p. 103). O amor à busca pela verdade e os inúmeros processos de descoberta que a envolvem, se destaca quando comparados a um possível amor que desenvolvemos pela própria verdade se a descobríssemos definitivamente. Essa é a árdua tarefa da Filosofia, bem como da Psicologia, questionar se questionando, infinitamente. "Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem." (CAMUS, 1942, p. 88). A principal tarefa da Filosofia e da Psicologia é atrever-se a ser, pois seu castigo é não poder desistir.

REFERÊNCIAS:

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

Homero. **Odisseia XI**. Tradução de M. O. Mendes. São Paulo: Atena Editora, 2009.

KAST, Verena. **Vida, Morte, Renascimento através do Arquétipo da Repetição Infinita**. São Paulo: Cultrix, 2017.

NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Hemus, 1981.

VILA-MATAS. **Suicídios exemplares**. Tradução: Carla Branco. São Paulo: Cosac Naify, 2009b.